

# Mercosul precisa proteger moedas

Sandra Lefcovich

Enviada Especial

**Buenos Aires** — Quem será a próxima vítima dos especuladores financeiros mundiais? A Argentina ou o Brasil? Os economistas argentinos Arnaldo Bocco e Roberto Lavagna consideram que os dois líderes do Mercosul correm perigo se a crise global continuar nos próximos dias. Eles acreditam que ambos devem deixar de olhar o vizinho para medir quem está em pior situação e começar a discutir juntos formas de prevenir ameaças.

Roberto Lavagna, da consultoria Ecolatina, acha que a tempestade atual pode passar. No entanto, o Brasil e a Argentina estão numa situação conflitiva porque acumulam déficit comercial. "Se a situação das bolsas melhora, como parece ser a tendência, não ocorrerá nada nem amanhã nem depois de amanhã, mas os tempos não são infinitos para nós."

Para ele, os dois países vivem si-

tuação de fragilidade semelhante por causa do déficit. Enquanto a Argentina tem rombo nas contas externas menor que o brasileiro, a dívida externa é maior em proporção com o Produto Interno Bruto (PIB) — US\$ 110 bilhões — e já não possui bens estatais para vender. Já o Brasil tem em seu favor o dinheiro das privatizações para melhorar as contas.

## ATAQUES

"O governo argentino tem que convocar uma reunião urgente entre os presidentes e ministros de Economia do Mercosul com o objetivo de paralisar possíveis desvalorizações em algum dos países do bloco", propõe Bocco, chefe da equipe econômica da Frente País Solidário (Frepaso), integrante da Aliança que venceu as eleições domingo passado.

Bocco defende a realização de conversações entre os governos do Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e os sócios do Mercosul — Chile e Bolívia — para estabelecer conjun-

tamente políticas de defesa contra possíveis ataques especulativos na região. "O Brasil já é parte do mercado interno argentino", explica.

Para Bocco, se a atual queda das bolsas durar mais quatro ou cinco dias, podem ocorrer mudanças drásticas na Argentina. "Com o atual déficit fiscal, se o risco país e as taxas de juros continuam subindo, a situação se tornará muito difícil."

A Bolsa de Buenos Aires fechou em alta de 6% ontem. O acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), anunciado pelo ministro da Economia, Roque Fernández, no fim da tarde, teve impacto positivo nos mercados locais.

A queda de 14% registrada na segunda-feira foi considerada como efeito da crise mundial, sem qualquer relação com a derrota do governo de Carlos Menem nas eleições de domingo passado. Mas nenhum economista se aventura a especular sobre o que virá nos próximos dias.